

Reportagem Especial

VIDA NO PRESÍDIO

Mulheres de classe média na prisão

Elas sempre tiveram conforto, mas entraram no crime e se deram mal. Agora, sonham em ser engenheira, psicóloga e empresária

Elis Carvalho

Elas sempre tiveram uma vida confortável, estudaram em boas escolas e tiveram oportunidades profissionais. Mas em determinado momento da vida, viram-se envolvidas na criminalidade. Agora, essas mulheres pagam um preço alto pelas escolhas que fizeram. No lugar da família, hoje elas dividem os dias com detentas. No lugar da casa aconchegante, elas estão cercadas por grades.

A reportagem de **A Tribuna** passou uma tarde ao lado de cinco presas na Penitenciária Feminina de Cariacica, em Bubu, onde acompanhou a rotina das detentas e conheceu suas história e sonhos.

Hoje, a unidade abriga 308 mulheres. A rotina delas inicia-se às 5h30. Uma cela de quatro metros por seis, três beliches de concreto forrados com colchonetes acomodam detentas como Tacira Barbosa, 37, Luana de Almeida, 20, Jaqueline Pereira, 28, Fabrícia Motta, 40, presas por tráfico, e Sara Correa, 23, presa por homicídio.

Em cada cama há uma prateleira, onde elas guardam itens de higiene. No fundo da cela, além de uma janela gradeada, um vaso sanitário, uma pia e um chuveiro. Após acordarem, as presas tomam banho e recebem o café da manhã, que tem pão com manteiga, uma fruta, café, café com leite ou achocolatado. Às 7h30 as detentas que estudam são levadas à escola da unidade.

Guiadas pelas agentes penitenciárias, elas caminham em filas indianas com as mãos para trás, em sinal de ordem. As presas almo-



1 Luana de Almeida Gil

- > **IDADE:** 20 anos
- > **PRESA POR:** tráfico de drogas
- > **CRIADA PELOS AVÓS,** sempre teve o amor da família, estudou em boas escolas e nunca precisou trabalhar.
- > **SONHA EM:** ser engenheira civil ou cursar Psicologia.

çam às 12 horas, e o prato é composto, normalmente, por arroz, feijão, alguma carne e legumes.

As 13 horas, as mulheres que trabalham são levadas ao local de serviço. Elas podem optar por trabalhar no artesanato, na fábrica de sapatos ou na fábrica de uniformes.

Em horários específicos, grupos são liberados para duas horas de banho de sol. As visitas acontecem

quinzenalmente, assim como as visitas íntimas, com cela própria, com cama de casal. As presas jantam e, às 22 horas, as luzes são apagadas.

Das quatro presas por tráfico, todas afirmaram a mesma coisa: migraram de uma vida confortável, na classe média, para a criminalidade. Já Sara Correa, presa por homicídio, conta que teve uma infância pobre, mas que as dificuldades não se comparam à tristeza em estar presa. Com histórias diferentes, as cinco dividem um único sonho: querem dar a volta por cima e recomeçar uma vida honesta.

Detenta sonha em ser engenheira

Jovem, bonita, educada e meiga. Essa é a impressão que Luana de Almeida Gil, de 20 anos, passa de imediato para quem a conhece. Condenada a sete anos e três meses por tráfico de drogas, ela conta que se envolveu no mundo do crime por amor. Mas afirma que agora está focada nos estudos com o sonho de ser engenheira civil.

Com a voz baixa e sorriso tímido, Luana contou à reportagem de **A Tribuna** que foi criada pelos avós em Vila Velha num ambiente onde tinha tudo o que precisava.

“Eu estudei em boas escolas e tinha uma vida confortável. Mas aos 14 anos eu conheci um menino e minha vida começou a mudar. Ele era envolvido com o tráfico. Mas eu estava apaixonada e larguei tudo para morar com ele”, lembrou. Ela contou que drogas e armas

eram coisas comuns em sua casa. Segundo ela, o namorado não a deixava traficar, mas o sustento dos dois vinha do dinheiro do crime.

“Eu tinha medo, mas ele dizia que não ia dar nada. Em 2012 fomos pegos com 30 pinos cocaína, mas ficamos poucos dias presos”.

Já em fevereiro de 2013, Luana foi parar atrás das grades de novo. Mas dessa vez, não seria só de passagem. Ela foi pega com o namorado na casa de uma amiga com 490 papéletes de cocaína, 1,5 litros de loló e meio quilo de maconha.

“Fui condenada a sete anos e três meses. Nunca imaginei que aos 20 anos estaria presa. Mas tenho planos. Estou estudando e quero prestar vestibular para Engenharia Civil. Também gosto de Psicologia. Meu sonho é mostrar para as pessoas que erre, mas posso vencer”.



LUANA tem planos de estudar

TACIRA BARBOSA CONDENADA POR TRÁFICO “Vou dar a volta por cima”

Criada por uma família adotiva que era formada por patrões dos seus pais biológicos, Tacira Correa Barbosa, 37, teve uma vida confortável no bairro Santo Antônio, em Vitória. Mas ao iniciar a adolescência, a boa vida já não era o bastante para ela. Tacira começou a sair e envolver-se com traficantes. Foi nesse momento que ela aceitou uma proposta que mudaria para sempre a sua vida: virar traficante internacional de drogas.

A TRIBUNA – Como foi a sua infância?

TACIRA BARBOSA – Fui criada por uma família adotiva que me deu uma vida confortável. Estudei em boas escolas e não me faltou nada.

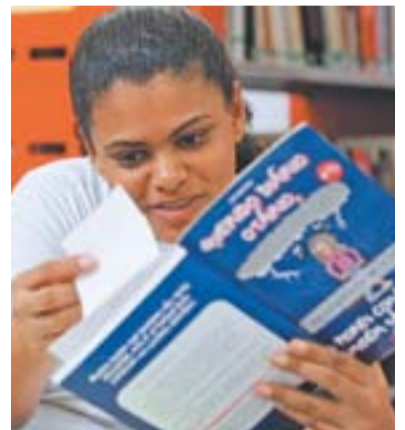
> **Em que momento você se envolveu com traficantes?**

Minha família sempre deixou que eu fizesse o que eu queria. Com 11 anos eu comecei a ir para festas com meninas mais velhas. Aos 14, comecei a usar drogas. Conheci grandes criminosos da época.

> **Como era essa relação?**

Quando um deles era preso, eu achava o maior barato vê-los nos jornais. Eu me sentia popular estando no meio dos traficantes. Tive quatro filhos com dois criminosos. O último eu conheci por telefone, pois ele estava preso. Eu tinha 19 anos. Mesmo preso, ele comandava pontos de tráfico e eu passei a ajudá-lo, transportando drogas.

> **Como começou a traficar in-**



TACIRA trazia drogas da Bolívia

ternacionalmente?

Aos 20 anos. A mando desse meu namorado, eu levei e busquei droga da Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina. Fiquei nesse ramo por sete anos sem ser presa. Até que em 2005 fui pega pela Polícia Federal no Paraguai com 90 quilos de maconha e duas pistolas. Fiquei presa por um ano. Ao sair, não consegui emprego e voltei a traficar.

> **Quando foi presa de novo?**

Em 2011, chegando da Bolívia com drogas. A gente sempre acha que não vai acontecer. Fui condenada a 18 anos e 10 meses.

> **Tem planos para o futuro?**

Eu estudo na penitenciária e vou prestar vestibular. Quero ser assistente social e dar orgulho aos meus filhos. Eu saí do fundo do poço e vou dar a volta a volta por cima.

PERFIL DAS DETENTAS

2 Tacira Barbosa

- > **IDADE:** 37 anos
- > **PRESA POR:** Tráfico internacional de drogas
- > **CRIADA POR** uma família adotiva, estudou em colegios particulares. Na adolescência, começou a frequentar festas com criminosos.
- > **SONHA EM:** Formar-se em Serviço Social.

3 Jaqueline Pereira

- > **IDADE:** 28 anos
- > **PRESA POR:** Tráfico de drogas
- > **NASCIDA EM** uma família de evangélicos, estudou em boas escolas, tinha uma vida confortável e gostava de cantar em igrejas evangélicas.
- > **SONHA EM:** Fazer faculdade de Música.

FOTOS: LEONARDO DUARTE/AT

Reportagem Especial

VIDA NO PRESÍDIO

De Jardim Camburi para a penitenciária

Moradora de Jardim Camburi, bairro nobre de Vitória, a administradora Fabrícia Santos Motta, de 40 anos, viu sua vida transformar-se completamente após casar-se com um traficante da capital. Ela precisou largar as filhas e a comodidade em que vivia para passar dias regrados na prisão. Arrependida das escolhas que fez, Fabrícia conta que sonha em sair da prisão e virar uma empresária de sucesso.

A administradora conta que cresceu em uma família bem estruturada, que a proporcionou boas escolas. Filha única de uma secretária executiva, Fabrícia teve uma vida normal e não precisou trabalhar na adolescência. Mas aos 34 anos, já formada em Administração, ela conheceu um homem que seria responsável por mudar sua vida por completo.

“Eu já tinha a minha filha e estava divorciada. Uma amiga me colocou para falar por telefone com um colega dela, preso por tráfico. Ele era muito envolvente e eu me apaixonei por ele”, lembrou.

Assim que o traficante saiu da cadeia, o casal passou a morar junto em Jardim Camburi. Ele não aceitava que a administradora tra-

balhasse e dizia que poderia bancar uma vida de luxo para ela. Mas Fabrícia sabia que o dinheiro dele era fruto do tráfico de drogas.

“Nossa renda era proveniente do tráfico. Ele bancava minha filha, que tinha 14 anos e eu. Logo depois, eu engravidei dele. Tínhamos uma vida bem confortável, ele me proporcionava viagens, me dava presentes. Eu sabia dos crimes que ele praticava, mas achava que como eu não atuava diretamente, não daria problemas para mim”.

Mas diferentemente do que Fabrícia imaginava, para a polícia, ser omissa ao tráfico faz com que a mulher seja tão culpada pelo crime quanto o traficante.

O ex-marido dela foi preso em 2010 e um ano depois foi a vez da administradora ir parar atrás das grades. Ela estava fazendo compras em um shopping da Serra quando

“Eu sabia dos crimes, mas achava que como eu não atuava diretamente, não daria problemas”

Fabrícia Motta, 40, administradora



FABRÍCIA MOTTA disse que aprendeu a costurar na cadeia e sonha em se tornar empresária quando sair da prisão

foi presa acusada de tráfico.

O tempo a que foi condenada é o único assunto sobre o qual Fabrícia se recusa a falar. Para ela, a sentença ainda magoa as filhas. Mas quando o assunto são os planos para o futuro, não há restrições.

“Quero recomeçar. Aprendi a costurar na unidade e vou levar os conhecimentos lá pra fora, montar uma confecção de peças customizadas e exclusivas. Sonho em ter uma vida honesta como empresária”.

AUTUADA POR HOMICÍDIO, Sara Pereira Correa, de 23 anos, agora estuda e trabalha no açougue da penitenciária. Com o dinheiro que recebe na unidade, ela ajuda a família e filho.

A detenta sonha em fazer um curso na área de alimentação

“Eu aprendi que existem amizades que é melhor não ter. Quero passar essa lição ao meu filho”



SARA PEREIRA CORREA CONDENADA POR ASSASSINATO

“Fui usada de isca para homicídio”

Criada em uma família de evangélicos, Sara Pereira Correa, 23, teve uma infância difícil ao lado dos pais e sete irmãos. A revolta em viver diante de tantas dificuldades fez com que a jovem frequentasse festas com criminosos. Em uma dessas festividades, Sara foi usada como isca para atrair um homem à morte. A partir daí, ela foi presa e percebeu que existiam obstáculos maiores do que pobreza.

A TRIBUNA – Como foi a sua infância?

SARA CORREA – Minha família era grande, pobre e passamos por dificuldades. Mas todos eram honestos. Fui crescendo com uma certa revolta e comecei a frequentar festas com criminosos.

> Foi aí que você foi usada como isca para um homicídio?

Sim. Foi no ano de 2010, eu tinha

18 anos e estava em uma festa com uma amiga no bairro Limão, em Cariacica. Um conhecido pediu para que eu e uma amiga chamássemos um rapaz que estava na festa, pois queria falar com ele.

> Sabia o que ia acontecer?

Achei que ele só ia conversar com ele mesmo. Mas saímos da festa com o rapaz e, assim que chegamos, o nosso conhecido sacou uma faca e começou a esfaquear o cara. Eu vi tudo e fiquei em choque. Nunca tinha visto alguém ser morto antes.

> O que você fez depois?

Eu fui para casa e contei tudo para o meu pai, mas ele não acreditou em mim. Guardei esse segredo. Mas eu sentia que, apesar de não ter culpa, eu seria presa uma hora ou outra. Então, três meses depois eu fui presa. Eu estava grá-

vida de quatro meses.

> Você foi condenada a quantos anos de prisão?

Fui condenada a 16 anos, mas em 2017 irei para o regime semiaberto. No início isso me revoltou um pouco. Mas depois resolvi encarar da melhor forma. Voltei a estudar e comecei a trabalhar na área da cozinha. Trabalho na área do açougue da unidade e com o dinheiro que recebo, ajudo minha família e meu filho. Sonho em terminar os estudos e fazer um curso na área de alimentação.

> Qual a lição que ficou?

Eu fui usada como isca para um homicídio e acabei com a minha vida, mas vou recomeçar e vencer. Eu aprendi que existem amizades que é melhor não ter. Quero passar essa lição ao meu filho para que ele não passe nem perto de tudo que sofri.

Para presas, separação dos filhos é o mais difícil

Ser presa já é uma situação difícil, ser detida com um filho na barriga é ainda mais desesperador, segundo as presas. Duas das entrevistadas passaram por essa situação e contam que ficar longe dos filhos é a parte mais difícil da prisão.

Criada por pais evangélicos, Jaqueline Pereira, 28, começou a se envolver com más companhias aos 18 anos. Nessa mesma época, o irmão dela entrou no tráfico. Ela estava grávida quando autorizou que o irmão escondesse em sua casa uma bolsa com drogas.

“Meu irmão estava sendo monitorado pela polícia. Ele foi preso em 2011 e eu em 2012. A polícia entendeu que eu fazia parte da quadrilha dele. Eu estava com nove meses. Minha filha ficou comigo

até os seis meses e depois foi levada para minha família. Ficar longe dela é a parte mais difícil da minha pena”, afirmou.

Quem também passou por isso foi a detenta Sara Correa, 23, presa por homicídio. Grávida de seis meses, em 2010 ela foi levada para o Presídio Feminino de Tucum. Lá, ela presenciou uma rebelião e por pouco não perdeu o filho.

“No meio daquela muvuca, desmaiei. Fui hospitalizada e descobri que meu filho corria o risco de morrer. Sangrei e o parto foi adiantado. Ele nasceu pretinho e eu só pude vê-lo depois de 15 dias (choro). Ficamos juntos por mais de um ano, até que ele foi levado para a minha família. Meu sonho era poder criá-lo de perto”.



PRESAS POR TRÁFICO dividem cela na Penitenciária Feminina de Cariacica. Leitura ajuda a passar o tempo dentro da prisão

Internas são abandonadas por maridos e namorados

Enquanto nas portas das penitenciárias masculinas é comum ver filas de mulheres ansiosas para as visitas, nas unidades femininas o abandono dos parceiros é algo constante. É nesse momento que algumas mulheres se envolvem amorosamente com outras presas.

Assim que a reportagem indagou as detentas sobre os namoros, houve um certo desconforto em falar sobre o assunto. Aos risos, elas disseram que as relações amorosas são comuns, mas frisaram que não passaram pela experiência.

A mais nova do grupo, Luana de

Almeida, 20, presa por tráfico, sentiu-se mais à vontade para responder à pergunta e tomou iniciativa para explicar como os namoros funcionavam. “A maioria entra no crime por amor. E por ironia do destino, logo são abandonadas pelos parceiros. Na prisão bate carência e algumas mulheres acabam se envolvendo. Mas há muito respeito entre todas nós”, afirmou.

A diretora da penitenciária, Mara Lúcia de Paula, explicou que o namoro não é proibido. Porém, não é permitido trocar de cela para ficar perto da parceira.

Reportagem Especial

VIDA NO PRESÍDIO

Mais de mil mulheres na cadeia

Aumento da população carcerária feminina no Estado é de 161,6% desde 2005. Maioria das detentas estuda nas penitenciárias

Se há 10 anos 432 mulheres estavam na prisão, hoje essa realidade é muito diferente: mais de mil mulheres ocupam as penitenciárias femininas existentes no Espírito Santo. O acréscimo representa 161,6% desde 2005. A maioria dessas mulheres foi parar atrás das grades porque se envolveu com o tráfico de drogas.

Segundo a Secretaria de Estado da Justiça (Sejus), as 1.130 mulheres que estão presas atualmente representam 6,5% da população carcerária total. Mas, para o secretário de Estado da Justiça, Eugênio Ricas, o número não é um fenômeno do gênero feminino, e sim, um aumento carcerário generalizado.

“Esse fenômeno não se restringe ao gênero feminino. Há uma tendência de aumento carcerário no geral. Ao todo, há 17.500 presos e atribuo esse número ao bom trabalho da polícia”, acredita.

Sobre o fato da maioria das detentas estar na cadeia por causa do tráfico de drogas, Ricas acredita que isso acontece porque esse tipo de ação não demanda força física, como assaltos e homicídios.

“Exceto os crimes passionais, as mulheres optam por crimes menos violentos. Atualmente, de 1.130 presas, foram detidas por tráfico 772 mulheres”, explicou.

As detentas ficam distribuídas em cinco penitenciárias: na Penitenciária Feminina de Cariacica, onde a reportagem de **A Tribuna** passou uma tarde, no Centro de Detenção Provisória Feminino de Viana, na Penitenciária Regional

de São Mateus, Norte do Estado, no Centro Prisional Feminino de Cachoeiro de Itapemirim, Sul do Estado, ou no Centro Prisional Feminino de Colatina, Noroeste.

Nessas unidades, há a oferta de trabalho e estudo. As internas que aceitam as atividades são beneficiadas com a redução de um dia da pena a cada 12 horas de estudo ou a cada três dias de trabalho.

As que trabalham ainda recebem um salário mínimo. Uma parte do dinheiro é enviada a uma conta bancária da detenta e outra encaminhada à família.

Para a Sejus, educação, capacitação profissional e oportunidades de trabalho são formas de evitar que essas mulheres retornem para crime. “Investimos para que elas não voltem à criminalidade. Atualmente, 60% das detentas estudam e cerca de 40% trabalham. Em 2014, mais de 80% das presas fizeram curso de qualificação. Nossa ideia é dar condições para que as elas ressocializem e consigam um trabalho honesto ao saírem da cadeia”



“Mulheres optam por crimes menos violentos. De 1.130 presas, foram detidas por tráfico 772”

Eugênio Ricas, secretário da Justiça

O PERFIL DAS MULHERES DETIDAS NO ESTADO

Maioria está presa por tráfico

Os números

- > **NO ANO DE 2005**, 432 mulheres estavam presas no Espírito Santo.
- > **EM 2015**, esse número passou para 1.130 detentas.
- > **O ACRÉSCIMO** foi de 161,6%.
- > **HOJE**, as mulheres representam 6,5% da população carcerária total do Espírito Santo, que é de 17.456 pessoas.
- > **DO TOTAL** de mulheres presas,

68,3% está na prisão por tráfico ou associação ao tráfico, seguido por furto, roubo, porte ou posse ilegal de arma e homicídio.

- > **ESSAS MULHERES** são abrigadas em cinco penitenciárias: Penitenciária Feminina de Cariacica, Centro de Detenção Provisória Feminino de Viana, Penitenciária Regional de São Mateus, Centro Prisional Feminino de Cachoeiro de Itapemirim e Centro Prisional Feminino de Colatina.
- > **ATUALMENTE**, o Espírito Santo é o estado com maior índice de mulheres presas estudando, cerca de 60%. O índice de analfabetismo entre as mulheres é zero.
- > **DO TOTAL** de 1.130 presas, 424 trabalham (37,5%), dentro e fora das unidades prisionais, em empresas conveniadas à Sejus.
- > **EM 2014**, 900 internas (cerca de 82,79% do total) passaram por cursos de capacitação profissional em diversas áreas.



PENITENCIÁRIA Feminina, em Bubu



A DETENTA Jaqueline Pereira faz trança no cabelo das colegas de cela, como Tacira. Elas estão presas por tráfico

Elas não deixam a vaidade de lado

Para muita gente, as palavras vaidade e mulher são praticamente sinônimos. E até mesmo para quem está atrás das grades, longe de maquiagens, cosméticos e salões de beleza, é possível não deixar a vaidade de lado. As detentas entrevistadas contam como conseguem manter a aparência em dia com tantas restrições nas unidades.

Apaixonada por maquiagem, a jovem Luana de Almeida Gil, de 20 anos, detida por tráfico de drogas, conta que apesar de conviver apenas com outras presas e agentes penitenciárias, é torturante ficar sem produtos de beleza.

“Eu sempre fui muito vaidosa. Não ia nem à padaria sem maquiagem.

Pra mim, é difícil não cuidar da aparência. Há pouco tempo tivemos um curso de beleza e contamos para a professora como isso faz falta”, confessou, aos risos.

O único utensílio de beleza permitido nas unidades são os elásticos para prender cabelo. É aí que elas colocam a criatividade em jogo e inventam diversos penteados. Nessas horas, as tranças de cabelo são muito solicitadas na penitenciária.

É o caso de Jaqueline Pereira, 28, presa por tráfico. É e ela a responsável por trançar e pentear os cabelos das colegas de cela.

“Elas (as detentas) gostam das tranças. É a única coisa que dá pra fazer, né? Com o tempo a gente vai

se acostumando”, disse, ao cuidar do cabelo da colega de cela Tacira Barbosa, 37, presa por tráfico internacional de drogas.

PRECONCEITO

Se dentro da prisão as detentas encontram dificuldades, como a falta de cosméticos, ausência de informações e saudade da família, na hora de sair da penitenciária, elas precisam enfrentar outro desafio: o preconceito.

“Essa é a segunda vez que sou presa. Nesse intervalo, eu já perdi empregos porque descobriram que eu era ex-detenta. Estou estudando, mas sei que não será fácil”, contou Tacira.

“Fascínio por perigo”, diz terapeuta

Submissão amorosa, dependência química e atração pelo perigo. Para especialistas, esses são os principais motivos que fazem uma mulher de classe média se envolver na criminalidade. Segundo eles, a falta de informação sobre as reais responsabilidades em um crime

também faz com que muitas mulheres vão parar atrás das grades sem saber sequer onde erraram.

Segundo o terapeuta Francisco Veloso, especialista em dependência química, o aumento carcerário feminino nos últimos 10 anos, em sua maioria por tráfico de drogas,

mostra um novo comportamento das mulheres: elas estão mais expostas à dependência química.

“Normalmente, elas entram no crime, principalmente o tráfico, para manter o vício. Já nos casos de mulheres de classe média, vemos que elas decidem entrar nessa vida por conta do fascínio pelo perigo”.

Já a psicóloga clínica Elaine Bello Bonorino, lembrou que devido à cultura machista, as mulheres não foram educadas para dizer não.

“A mulher é educada para obedecer e quando encontram um criminoso sociopata, acabam se envolvendo e aceitando as condições dele. A maioria delas foi presa por amor, pois se viram obrigadas a ajudar. Além disso, a falta de informação faz com que elas não saibam que ser omissa pode caracterizar um crime. Elas são presas e nem sabem onde erraram”.



ELAINE BELLO lembrou que devido à cultura machista, as mulheres não foram educadas para dizer não. “Quando encontram um criminoso sociopata, acabam se envolvendo”